

Paulo Freire: sobre juventude e infância

1. Sexagenário, tenho sete anos; sexagenário, eu tenho quinze anos; sexagenário, amo a onda do mar, adoro ver a neve caindo, parece até alienação. Algum companheiro meu de esquerda já estará dizendo: Paulo está irremediavelmente perdido. E eu diria a meu hipotético companheiro de esquerda: Eu estou achado: precisamente porque me perco olhando a neve cair. Sexagenário, eu tenho 25 anos. Sexagenário, eu amo novamente e começo a criar uma vida de novo (Freire, *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 101).
2. Os critérios da avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser puramente os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Além disso, somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos, curiosos, ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa satisfeitos e imobilizados. Somos velhos ou moços muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, se o que fizemos continua a encarnar nosso sonho. Sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos velhos ou moços muito mais em função de se nos inclinarmos ou não a aceitar a *mudança* como sinal de *vida* e não a *paralisação* como sinal de *morte* (FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 [1995], p. 97, grifos no original).
3. Aos 23 anos, recém-casado, comecei a descobrir – embora ainda não fosse capaz de expressá-lo com clareza – que o único modo de nos mantermos vivos, alertas e de sermos verdadeiramente filósofos é nunca deixar morrer a criança que existe dentro de nós. A sociedade nos pressiona para que matemos essa criança, mas devemos resistir, porque quando matamos a criança que há dentro de nós estamos matando a nós mesmos. Murchamos e envelhecemos antes do tempo. Tenho agora 62 anos, mas frequentemente me sinto com 10 ou 20. Quando subo cinco lances de escada, meu corpo me faz lembrar a idade que tenho, mas o que há dentro do meu velho corpo está intensamente vivo, simplesmente porque preservo a criança que há dentro de mim. Creio também que meu corpo é jovem e tão vivo quanto essa criança que fui outrora e que continuo a ser, essa criança que me leva a amar tanto a vida (FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1990], p. 241-242).
4. A nossa geografia imediata era, sem dúvida, para nós, não só uma geografia demasiado concreta, se posso falar assim, mas tinha um sentido especial. Nela se interpenetravam dois mundos, que vivíamos intensamente. O mundo do brinqueado em que, meninos, jogávamos futebol, nadávamos em rio, empinávamos papagaio e o mundo em que, enquanto meninos, éramos, porém, homens antecipados, às voltas com nossa fome e a fome dos nossos. [...] No fundo, vivíamos, como já salientei, uma radical ambiguidade: éramos meninos antecipados em gente grande. A nossa meninice ficava espremida entre o brinqueado e o “trabalho”, entre a liberdade e a necessidade. (FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1994], p. 49-50)
5. Nascidos, assim, numa família de classe média que sofrera os impactos da crise econômica de 1929, éramos ‘meninos conectivos’. Participando do mundo dos que comiam, mesmo que comêssemos pouco, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles – o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. Ao primeiro estávamos ligados por nossa posição de classe; ao segundo, por nossa fome, embora as nossas dificuldades fossem menores que as deles, bastante menores. (FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 51)

6. Uma das exigências que sempre fizemos, Elza e eu, a nós mesmos em face de nossas relações com as filhas e filhos era a de jamais negar-lhes respostas às suas perguntas. Não importa com quem estivéssemos, parávamos a conversa para atender à curiosidade de um deles ou de uma delas. Só depois de testemunhar o nosso respeito a seu direito de perguntar é que chamávamos a atenção necessária para a presença da pessoa ou das pessoas com quem falávamos. Creio que, na tenra idade, começamos a negação autoritária da curiosidade com os “mas que tanta pergunta, menino”; “cale-se, seu pai está ocupado”; “vá dormir, deixe a pergunta pra amanhã” (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 68).
7. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são todas as que podem rir. Rir não é só abrir ou entreabrir os lábios e mostrar os dentes. É expressar uma alegria de viver, uma vontade de fazer coisas, de transformar o mundo, de amar o mundo e os homens somente como se pode amar a Deus (p. 57-58). . (Freire in LACERDA, Nathercia. *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit, 2016, p. 50)
8. Em minha primeira visita a Manágua, em novembro de 79, falando a um grupo grande de educadores no Ministério da Educação, dizia a eles como a revolução nicaraguense me parecia ser uma revolução menina. Menina, não porque recém-“chegada”, mas pelas provas que estava dando de sua curiosidade, de sua inquietação, de seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar. Disse também naquela tarde quente que era necessário, imprescindível que o povo nicaraguense, lutando pelo amadurecimento de sua revolução, não permitisse porém que ela envelhecesse, matando em si a menina que estava sendo. Voltei lá recentemente. A menina continua viva, engajada na construção de uma pedagogia da pergunta (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 234-235).
9. Daí que jamais nós tenhamos nos detido no estudo de métodos e de técnicas de alfabetização de adultos em si mesmos, mas no estudo deles e delas enquanto a serviço de e em coerência com uma certa teoria do conhecimento posta em prática, a qual, por sua vez, deve ser fiel a uma certa opção política. Neste sentido, se a opção do educador é revolucionária e se sua prática é coerente com sua opção, a alfabetização de adultos, como ato de conhecimento, tem, no alfabetizando, um dos sujeitos deste ato. Desta forma, o que se coloca a tal educador é a procura dos melhores caminhos, das melhores ajudas que possibilitem ao alfabetizando exercer o papel de sujeito de conhecimento no processo de sua alfabetização. O educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos (FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 12-13).

Paulo Freire: sulla gioventù e l'infanzia

1. Sessagenario, ho sette anni; sessagenario, ho quindici anni; sessagenario, amo le onde del mare, amo guardare la neve cadere, sembra quasi un'alienazione. Qualche mio compagno di sinistra starà già dicendo: Paulo è irrimediabilmente perso. E io direi al mio ipotetico compagno di sinistra: mi sono trovato: proprio perché mi perdo a guardare la neve che cade. Come sessagenario, ho 25 anni. Come sessagenario, amo di nuovo e comincio a creare una nuova vita (Freire, *Pedagogia dei sogni possibili*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 101).
2. I criteri per valutare l'età, la giovinezza o la vecchiaia non possono essere puramente basati sul calendario. Nessuno è vecchio solo perché è nato molto tempo fa, o giovane perché è nato da poco. Inoltre, siamo vecchi o giovani molto più in base al modo in cui pensiamo il mondo, alla disponibilità con cui ci diamo, curiosi, alla conoscenza, la cui ricerca non ci stanca mai e il cui ritrovamento non ci lascia mai soddisfatti o immobilizzati. Siamo vecchi o giovani più che altro in base alla vivacità, alla speranza con cui siamo sempre pronti a ricominciare, se ciò che abbiamo fatto continua a incarnare il nostro sogno. Un sogno eticamente valido e politicamente necessario. Siamo vecchi o giovani più che altro in base alla nostra propensione ad accettare o meno *il cambiamento* come segno di *vita* e non la *paralisi* come segno di *morte* (FREIRE, Paulo. *All'ombra di questo albero di mango*. Organizzazione e note di Ana Maria Araújo Freire. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 [1995], p. 97, corsivo in originale).
3. A 23 anni, appena sposato, ho cominciato a capire – anche se non ero ancora in grado di esprimerlo chiaramente – che l'unico modo per rimanere vivi, vigili e veramente filosofi è non lasciare mai morire il bambino che è in noi. La società ci spinge a uccidere questo bambino, ma dobbiamo resistere, perché quando uccidiamo il bambino dentro di noi, uccidiamo noi stessi. Avviziamo e invecchiamo prima del tempo. Io ho 62 anni, ma spesso mi sento come se ne avessi 10 o 20. Quando salgo cinque rampe di scale, il mio corpo mi ricorda quanto sono vecchio, ma ciò che c'è dentro il mio vecchio corpo è intensamente vivo, semplicemente perché conservo il bambino dentro di me. Credo anche che il mio corpo sia giovane e vivo come quel bambino che sono stato e che continuo a essere, quel bambino che mi fa amare così tanto la vita (FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. *Alfabetizzazione: leggere il mondo, leggere la parola*. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1990], p. 241-242).
4. La nostra geografia immediata non solo era indubbiamente troppo concreta per noi, se così si può dire, ma aveva anche un significato speciale. Compenetrava due mondi, che abbiamo vissuto intensamente. Il mondo del gioco in cui, da bambini, giocavamo a calcio, nuotavamo nel fiume e facevamo volare gli aquiloni, e il mondo in cui, da bambini, eravamo comunque uomini in anticipo, alle prese con la nostra fame e quella degli altri. [...] In sostanza, come ho già sottolineato, vivevamo un'ambiguità radicale: eravamo ragazzi che erano stati anticipati per diventare grandi. La nostra infanzia era stretta tra il gioco e il "lavoro", tra la libertà e la necessità (FREIRE, Paulo. *Lettere a Cristina: riflessioni sulla mia vita e la mia prassi*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1994], p. 49-50)
5. Nati in una famiglia della classe media che aveva subito gli effetti della crisi economica del 1929, eravamo "bambini connettivi". Partecipando al mondo di coloro che mangiavano, anche se mangiavamo poco, partecipavamo anche al mondo di coloro che non mangiavano, anche se mangiavamo più di loro – il mondo dei ragazzi e delle ragazze dei ruscelli, dei mocambos e delle baraccopoli. Ai primi eravamo legati dalla nostra posizione di classe; ai secondi dalla nostra fame, anche se le nostre difficoltà erano minori delle loro, molto minori (FREIRE, Paulo. *Lettere a Cristina: riflessioni sulla mia vita e la mia prassi*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 51)

6. Una delle richieste che Elza e io abbiamo sempre fatto a noi stessi nei rapporti con le nostre figlie e i nostri figli è stata quella di non negare mai le risposte alle loro domande. Non importa con chi eravamo, interrompevamo la conversazione per rispondere alla curiosità di uno di loro. Solo dopo aver dimostrato il nostro rispetto per il loro diritto di domandare, avremmo richiamato la necessaria attenzione sulla presenza della persona o delle persone con cui stavamo parlando. Credo che di solito, già in tenera età, cominciamo a negare autoritariamente la curiosità con i "perché chiedi tanto, ragazzo"; "stai zitto, tuo padre è occupato"; "vai a dormire, lascia la domanda per domani" (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Per una pedagogia delle domande*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 68).
7. Se i grandi uomini, le grandi persone potessero o volessero ridere come cespugli di rose, come bambini, non credete che il mondo sarebbe un posto bellissimo? Ma io credo che un giorno, grazie agli sforzi dell'uomo, il mondo e la vita permetteranno ai grandi di ridere come i bambini. Inoltre – e questo è molto importante – permetterà a tutti i bambini di ridere. Perché oggi non tutti possono ridere. Ridere non significa solo aprire o dividere le labbra e mostrare i denti. È esprimere la gioia di vivere, il desiderio di fare, di trasformare il mondo, di amare il mondo e le persone solo come si può amare Dio (p. 57-58). (Freire in LACERDA, Nathercia. *La casa e il mondo fuori: le lettere di Paulo Freire a Nathercinha*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit, 2016, p. 50)
8. Nella mia prima visita a Managua, nel novembre del '79, parlando a un folto gruppo di educatori del Ministero dell'Educazione, dissi loro che la rivoluzione nicaraguense mi sembrava una rivoluzione femminile. Una bambina, non perché fosse appena "arrivata", ma per la prova che stava dando della sua curiosità, della sua inquietudine, del suo amore per le domande, perché non aveva paura di sognare, perché voleva crescere, creare e trasformare. Disse anche, in quel caldo pomeriggio, che era necessario, essenziale che il popolo nicaraguense, lottando per la maturazione della sua rivoluzione, non le permettesse di invecchiare, uccidendo la bambina che era. Ci sono tornato di recente. La bambina è ancora viva, impegnata a costruire una pedagogia della domanda (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Per una pedagogia della domanda*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 234-235).
9. Per questo non ci siamo mai fermati a studiare i metodi e le tecniche di alfabetizzazione degli adulti in sé, ma a studiarli come servizio e in coerenza con una certa teoria della conoscenza messa in pratica, che a sua volta deve essere fedele a una certa opzione politica. In questo senso, se la scelta dell'educatore è rivoluzionaria e se la sua pratica è coerente con la sua scelta, l'alfabetizzazione degli adulti, in quanto atto di conoscenza, ha nel discente uno dei soggetti di questo atto. In questo modo, il compito dell'educatore è quello di trovare i modi migliori, gli aiuti migliori, per consentire allo studente di svolgere il ruolo di soggetto della conoscenza nel processo di alfabetizzazione. L'educatore deve essere un costante inventore e reinventore di questi mezzi e percorsi con cui facilitare sempre di più la problematizzazione dell'oggetto da svelare e finalmente afferrare da parte degli studenti (FREIRE, Paulo. *Lettere alla Guinea-Bissau: testimonianze di un'esperienza in divenire*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 12-13).

Paulo Freire: on youth and childhood

1. As a sexagenarian, I'm seven; as a sexagenarian, I'm fifteen; as a sexagenarian, I love the sea waves, I love watching the snow fall, it's almost like alienation. Some of my fellow left-wingers will already be saying: Paulo is hopelessly lost. And I would say to my hypothetical left-wing companion: I am found: precisely because I get lost watching the snow fall. As a sexagenarian, I'm 25. As a sexagenarian, I love again and begin to create a new life (Freire, *Pedagogy of possible dreams*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 101).
2. The criteria for assessing age, youth or old age, cannot be purely calendar-based. No one is old just because they were born a long time ago, or young because they were born recently. What's more, we are old or young much more according to the way we think about the world, the willingness with which we give ourselves, curious, to knowledge, which search never tires us and which findings never leave us satisfied or immobilized. We are old or young much more according to the vivacity, the hope with which we are always ready to start all over again, if what we have done continues to embody our dream. A dream that is ethically valid and politically necessary. We are old or young much more according to whether or not we are inclined to accept *change* as a sign of *life* and not *paralysis* as a sign of *death* (FREIRE, Paulo. *In the shade of this mango tree*. Organization and notes by Ana Maria Araújo Freire. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013 [1995], p. 97, emphasis in original).
3. At the age of 23, as a newlywed, I began to discover – although I wasn't yet able to express it clearly – that the only way to stay alive, alert and truly philosophical is to never let the child inside us die. Society pressures us to kill this child, but we must resist, because when we kill the child within us, we are killing ourselves. We wither and grow old before our time. I'm 62 now, but I often feel like I'm 10 or 20. When I climb five flights of stairs, my body reminds me of how old I am, but what's inside my old body is intensely alive, simply because I preserve the child inside me. I also believe that my body is young and as alive as that child I once was and continue to be, that child who makes me love life so much (FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Literacy: reading the world, reading the word*. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1990], p. 241-242).
4. Our immediate geography was undoubtedly not only too concrete for us, if I can put it that way, but it also had a special meaning. It interpenetrated two worlds, which we experienced intensely. The world of play in which, as children, we played soccer, swam in the river and flew kites, and the world in which, as children, we were, however, men in advance, grappling with our own hunger and the hunger of others. [...] Basically, as I've already pointed out, we experienced a radical ambiguity: we were boys who had been brought forward to become grown people. Our childhood was squeezed between play and "work", between freedom and necessity. (FREIRE, Paulo. *Letters to Cristina: reflections on my life and my praxis*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015 [1994], p. 49-50)
5. Born into a middle-class family that had suffered the impacts of the 1929 economic crisis, we were 'connective children'. Participating in the world of those who ate, even if we ate little, we also participated in the world of those who didn't eat, even if we ate more than them – the world of the boys and girls from the streams, the mocambos and the slums. To the former we were linked by our class position; to the latter, by our hunger, although our difficulties were less than theirs, much less. (FREIRE, Paulo. *Letters to Cristina: reflections on my life and my praxis*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 51)

6. One of the demands that Elza and I always made of ourselves in our relationships with our daughters and sons was to never deny them answers to their questions. No matter who we were with, we would stop the conversation to answer the curiosity of one of them. Only after witnessing our respect for their right to ask would we draw the necessary attention to the presence of the person or people we were talking to. I believe that, at an early age, we begin already the authoritarian denial of curiosity with the "why are you asking so much, boy"; "shut up, your father is busy"; "go to sleep, leave the question for tomorrow" (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *For a pedagogy of the question*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 68).
7. If great men, great people could or wanted to laugh like rose bushes, like children, don't you think the world would be a beautiful place? But I believe that one day, with man's own efforts, the world and life will allow big people to laugh like children. What's more – and this is very important – it will allow all children to laugh. Because today not everyone can laugh. Laughing isn't just about opening or parting your lips and showing your teeth. It's expressing a joy of living, a desire to do things, to transform the world, to love the world and people only as you can love God (p. 57-58). (Freire in LACERDA, Nathercia. *The house and the world outside: Paulo Freire's letters to Nathercinha*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit, 2016, p. 50)
8. On my first visit to Managua, in November 79, speaking to a large group of educators at the Ministry of Education, I told them how the Nicaraguan revolution seemed to me to be a girl revolution. A girl, not because it had just "arrived", but because of the proof it was giving of its curiosity, its restlessness, its love of asking questions, because it wasn't afraid to dream, because it wanted to grow, create and transform. I also said on that hot afternoon that it was necessary, essential that the Nicaraguan people, fighting for their revolution to mature, did not allow it to grow old, killing the little girl it was. I went back there recently. The girl is still alive, engaged in building a pedagogy of questions (FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *For a pedagogy of the question*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985], p. 234-235).
9. That's why we have never stopped at studying adult literacy methods and techniques in themselves, but at studying them as a service to and in coherence with a certain theory of knowledge put into practice, which, in turn, must be faithful to a certain political option. In this sense, if the educator's choice is revolutionary and if his or her practice is consistent with his or her choice, adult literacy, as an act of knowledge, has one of the subjects of this act in the student. In this way, what this educator has to do is look for the best ways, the best aids that will enable the literacy student to play the role of subject of knowledge in the process of their literacy. The educator must be a constant inventor and reinventor of these means and paths with which to facilitate more and more the problematization of the object to be unveiled and finally grasped by the students (FREIRE, Paulo. *Letters to Guinea-Bissau: records of an experience in process*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 12-13).